

CHURRA da TERRA QUENTE



Área de dispersão dos criadores



No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 590 machos e 13298 fêmeas em linha pura em 120 criadores.

História e Evolução

A raça Churra da Terra Quente, anteriormente também designada por «Tarrincha» ou «Terrincha», é uma raça de denominação e caracterização recente, mas a sua génese remonta ao fim do século XIX e início do século XX, quando animais das raças Churra Badana e Churra Mondegueira começaram a ser cruzados entre si. Estes ovinos foram apenas caracterizados como raça em 1987 no âmbito do «38th Annual Meeting of European Association of Animal Production».

Certamente com ancestrais vindos dos Pirenéus pertencentes ao tronco ibérico, os ovinos desta raça enquadram-se no grupo dos ovinos churros, com um velo quase exclusivamente composto por madeixas grossas, compridas, lisas e pontiagudas, rudes ao tato, deslanados na cabeça e regiões inferiores dos membros. São caracterizados por apresentarem estatura média, aparência forte e harmoniosa, com boa fecundidade e frequentes partos gemelares.

A exploração de ovinos da raça Churra da Terra Quente tem desempenhado ao longo do tempo um importante papel na sustentabilidade dos territórios e das gentes de uma grande área da região de Trás-os-Montes, nomeadamente a Terra Quente Transmontana (vales e ladeiras abaixo dos 600 metros, no relevo da Terra Quente Transmontana e Vale do Douro Vinhateiro), pois nesta região, a exploração ovina tem características especiais, dado que, para além de ser promotora de rendimentos próprios ela foi também, valorizadora das culturas da oliveira, amendoeira e da cultura cerealífera, essencialmente pela incorporação de matéria orgânica nestas culturas.

Esta raça é atualmente a mais emblemática de Trás-os-Montes e o seu efetivo é o maior do grupo de ovinos churros autóctones, sendo contudo muito variável a dimensão do rebanho, com uma dimensão média atual de 120 animais. Pode dizer-se que a dimensão dos rebanhos está, em regra, na razão direta da área da propriedade disponível. Os animais desta raça são de grande rusticidade, adaptabilidade e longevidade, considerados de aptidão mista leite-carne. Os borregos são desmamados e abatidos em idade jovem, sendo que o leite obtido dará origem ao Queijo Terrincho DOP, Denominação de Origem Protegida.

A raça Churra da Terra Quente tem o seu habitat natural nas zonas homogéneas da Terra Quente Transmontana e Douro Superior, que compreendem os concelhos de Macedo de Cavaleiros, Miranda, Vila Flor, Torre de Moncorvo, Mogadouro, Alfândega da Fé, Freixo de Espada à Cinta, Vila Nova de Foz Coa e Carrazeda de Ansiães, parte dos concelhos de S. João da Pesqueira, Valpaços, Meda e Figueira de Castelo Rodrigo. As características de solo e clima da região favoreceram o aparecimento de pastagens naturais pobres e a instalação de culturas permanentes, nomeadamente olival, amendoal e vinha. Foram estas externalidades que potenciaram essencialmente a característica de rusticidade dos ovinos desta raça.

Padrão da Raça

Velo - Extenso, com madeixas compridas e pontiagudas. Não reveste a cabeça, a extremidade livre dos membros e por vezes a barriga;

Cabeça - Comprida. Testa plana e com pequena pompa. O chanfro deverá ser comprido e convexo, sobretudo nos machos. Tanto as fêmeas como os machos possuem cornos, em espiral mais ou menos aberta, rugosos e de secção triangular. As orelhas deverão ser de tamanho médio e inseridas horizontalmente;

Pescoço - Estreito, bem unido ao tronco, revestido de lã e com barbela nos machos;

Tronco - Peito relativamente estreito. A região dorso-lombar é horizontal e de medidas transversais médias. O ventre é volumoso e não raras vezes deslanado. A garupa é comprida e medianamente ampla e um pouco mais deslanada;

Membros - Finos, vigorosos e deslanados nas extremidades. Nádega pouco desenvolvida. Unhas rijas e pigmentadas;

Úbere - Bem desenvolvido, globoso, com sulco mediano e desprovido de lã. Tetos simétricos e regularmente desenvolvidos e com regular inserção.

Sistemas de exploração

As condições orográficas e edafoclimáticas da área geográfica de dispersão desta raça determinaram que a pastorícia de percurso constituísse o sistema com mais ampla utilização ao longo dos tempos, estando ainda profundamente implantado. Em termos de manejo verificaram-se contudo algumas alterações ao típico sistema de pastoreio de percurso, principalmente pela utilização generalizada de vedações e o melhoramento das pastagens. No entanto, em algumas explorações manteve-se o hábito de percorrer os terrenos declivosos, sobretudo nos períodos da primavera e do inverno.

O regime de exploração destes ovinos assenta essencialmente em duas formas: o rebanho é pertença do pastor ou o rebanho é pertença de um proprietário e o pastoreio é feito por um trabalhador assalariado. O tamanho dos rebanhos tem vindo a aumentar e oscila entre as 80 e as 150 cabeças e o refugo ocorre habitualmente depois dos 8 anos de idade. Nos rebanhos mais tradicionais a cobrição é feita de modo natural permanecendo os machos com as ovelhas de forma permanente; nas explorações com manejo reprodutivo existe separação dos machos e a cobrição ocorre na primavera logo após a tosquia que se realiza no princípio de março. Em alguns rebanhos ainda se verifica que os borregos recém-nascidos acompanham as mães para o pastoreio. Em regra o desmame ocorre entre os 30 e 45 dias de idade, iniciando-se a ordenha com a utilização do leite para o fabrico do queijo. Quando os borregos se destinam à recria para a substituição do efetivo continuam a acompanhar as mães até ocorrer o desmame natural.